

Evangelhos em feminino: interpretações de uma escritora medieval ibérica*

Cláudia Costa Brochado**

Resumo

Principalmente a partir do séc. XIII, as mulheres transformam-se em uma “questão” incômoda. Percebe-se um progressivo fechamento dos espaços a que elas tinham acesso mais livre, O mal-estar gerado por esse processo aguça o conflito entre os sexos, cuja maior expressão será a *Querelle des Femmes*. Isabel de Villena é uma representante ibérica desse movimento com sua obra *Vita Christi*.

Palavras-chave: Escritoras medievais, *Querelle des Femmes*, Isabel de Villena, Jaume Roig.

* Recebido para publicação em 22 de maio de 2012, aceito em 25 de abril de 2013.

** Professora do Departamento de História da Universidade de Brasília – UnB.
claubrochado@gmail.com

Evangel in feminine: Interpretations by a medieval Iberian writer

Abstract

Women became, mainly from the 13th century on, a disturbing “issue” concerning their gender. Both as they began taking a more active role in their traditional female duties as well as when they started taking upon themselves roles that were exclusively masculine, up to that time. The dissatisfaction generated by this process increased even more the conflict between sexes. A highlight of this gender conflict is the movement called “Querelle des Femmes”. Isabel de Villena is a spanish representative of this movement with her book “Vita Christi”.

Key Words: Middle Age, Medieval Writers, Querelle Des Femmes, Isabel De Villena, Jaume Roig.

Muito já se falou sobre a invisibilidade feminina na Idade Média e a história das mulheres, ligada com mais ou menos força ao pensamento feminista, procurou dar visibilidade ao que, mais por defeito do registro tradicional da memória histórica do que pela inexistência de dados, deixou escapar, na maioria das vezes, intencionalmente. Basta verificar que uma quantidade significativa de mulheres, autoras do registro mais caro à História, o escrito, foram muito conhecidas na Idade Média e esquecidas nos séculos que se seguiram ao chamado Renascimento, período que dispensa apresentação, mas que representou para as mulheres um retrocesso, como tão bem observou Joan Kelly.¹ Esse foi o caso de Christine de Pizan ou de Hildegarda de Bingen, para citar alguns exemplos mais célebres.²

Por essa razão, não podemos concordar com Duby quando ele diz: “Resignemo-nos: não aparece nada feminino a não ser através do olhar dos homens” (Duby, 1995:12). O próprio autor, no mesmo parágrafo, observa que as damas medievais certamente sabiam escrever melhor que os cavaleiros, seus maridos e irmãos, e vai mais longe ao supor que elas possam ter escrito também sobre o que pensavam dos homens. Assim, a resignação a que conclama Duby sobre o feminino perde sentido, adquirindo muito mais sentido sua suposição sobre a existência de uma escrita feminina, inclusive crítica. E hoje não há dúvidas quanto a isso. O volume de registros femininos medievais é significativo e eles têm sido incorporados à memória histórica. Grande parte das mulheres que se manifestou através da escrita na Idade Média viveu no espaço religioso, um espaço ainda muito aberto à vida laica. As religiosas oriundas da nobreza, por exemplo, mantinham um contato muito próximo com as cortes do período; a abadessa Hildegarda de Bingen era conselheira de reis e papas. Assim, esse espaço, constitui-se em lugar privilegiado da memória feminina,

¹ Refiro-me ao célebre artigo intitulado “Tiveram as mulheres um renascimento?”, em que ela observa que esse período, em geral tão valorizado, foi de retrocesso para as mulheres.

² Sobre ambas existe vasta bibliografia, vide “referências bibliográficas” ao final deste artigo.

pois nele o acesso às ferramentas necessárias à sua produção estava também à disposição de mulheres: o domínio da escrita e da leitura, o tempo necessário, a interlocução, tudo isso possibilitou uma maior produção da memória escrita, como é o caso da abadessa e escritora Isabel de Villena, de qual trataremos aqui.

A manifestação do espírito crítico feminino na Idade Média, perceptível através dos registros escritos deixados pelas mulheres, está relacionada ao fato de ele se ter convertido, principalmente a partir do séc. XIII, em uma “questão” incômoda. Os espaços mais livres de atuação nos quais circularam, até então, tenderam a um fechamento a partir de meados desse século.³ O mal-estar gerado por esse processo aguça o conflito entre os sexos, cuja maior expressão será a *Querelle des Femmes*, debate literário criado como consequência da dialética entre os textos a favor e contra as mulheres, que surgiu, principalmente, após a discussão em torno ao *Roman de la Rose*. Um dos expoentes desse movimento foi a escritora franco-italiana Christine de Pisan que imagina em seu *La Cité des Dames* um espaço político exclusivamente de mulheres, um lugar próprio possível (Rivera Garretas, 1990:179).

No contexto ibérico destaca-se Isabel de Villena nesse debate, com seu livro *Vita Christi* (1987), o qual pode ser lido como resposta à corrente literária misógina (Bloch, 1995; Bosch Fiol et al., 1999; Rivera Garretas, 2006) que se manifesta na Baixa Idade Média. Villena, assim como outras autoras medievais, procurou defender as mulheres das acusações e hostilidades que sofriam nos escritos que se disseminavam nesse período.

Percebemos nos últimos séculos medievais um crescimento no volume de obras cujos conteúdos expressavam abertamente hostilidade à mulher. Acreditamos que essa tendência que culmina, como dito, no movimento literário denominado *Querelle des femmes*, poderia ser resultado de dinâmicas mais

³ A medievalista e feminista espanhola Maria Milagros Rivera relaciona essa liberdade à teoria da complementaridade dos sexos (Prudence Allen), teoria que explicaria a política sexual no período. Essa teoria teria sido predominante durante o séc. XII e parte do séc. XIII, tendo sido substituída pela teoria da polaridade dos sexos (Rivera Garetas, 2006:153-57).

complexas que estariam surgindo em uma sociedade que se modificava de maneira intensa.

Isabel de Villena, a autora que pretendemos apresentar como voz ativa desse contexto, era abadessa de um convento de clarissas de Valencia, tendo vivido entre 1430 e 1490. Era filha ilegítima do nobre e escritor catalão Enrique de Villena e foi criada na corte de sua tia e prima Maria de Castela, esposa de Alfonso, o Magnânimo. Isabel viveu em um ambiente cortesão, porém, por sua condição de abadessa, intensificará seu convívio com religiosos, entre eles, muitos escritores. Villena dedicará seu livro *Vita Christi* às religiosas do seu convento e irá trilhar um caminho distinto ao falar da vida de Cristo, pois o que pretende é colocar em evidência as personagens femininas do Evangelho.

Pelo que tudo indica, ao escrever seu livro, Villena tinha também outra intenção: responder aos ataques contra as mulheres formulados por Jaume Roig (1980) em sua obra *Llibre de les Dones, o Spill*. Esse escritor medieval, médico de profissão, era conterrâneo e contemporâneo de Isabel de Villena e sua obra parece tê-la inspirado a escrever sua *Vita Christi* como forma de defender o seu sexo. Comparando ambas as obras essa hipótese tende a confirmar-se na medida em que Villena procura abordar todos os temas desenvolvidos por Jaume Roig, porém por uma ótica diametralmente oposta. O autor foi um médico de família nobre que viveu no século XV em Valencia, tendo estudado em Paris. Mantinha também uma relação próxima com a rainha Maria de Castela, de quem fora médico particular. Escreveu essa obra quando já viúvo de Ursula Mercader, esclarecendo que seu objetivo era “doutrinar, dar exemplo e bom conselho” (Roig, 1980:23).

Em sua obra, Isabel de Villena, por outro lado, pretende fazer uma defesa das mulheres e encontra como caminho apresentar as personagens femininas do evangelho e, ao apresentá-las, destacar aspectos que possam contrapor as críticas que vinham sofrendo. Algumas de suas abordagens são bastante originais, principalmente em seu olhar sobre Maria Madalena. A seguir, destacamos alguns temas sobre os quais a autora se debruça.

O acesso ao saber

A emotividade como característica determinante do sexo feminino costuma ser apresentada como verdade incontestável. A dificuldade de controlar as emoções é vista como debilidade feminina que, mesmo que em um primeiro momento possa ser interpretada como neutra, descobrimos, através de uma análise mais atenta, ser ela a geradora do que se costumava considerar faltas graves de caráter, eminentemente femininas. Sabemos também que a cultura ocidental tendeu a traçar uma linha divisória bastante precisa entre o que faz parte do domínio do emocional daquilo que pertence ao domínio do racional, e colocar o segundo em detrimento do primeiro.

O saber institucionalizado, determinante para o acesso a quase todas as formas de poder – e, obviamente, seu gerador – era de domínio do racional e, em geral, dos homens, mas acessível a poucos deles. Às mulheres atribuíam-se outros espaços, nos quais, segundo a voz dominante, elas seriam mais úteis, dada sua condição. Um dos poucos grupos femininos que conseguia escapar efetivamente desse controle, e ao qual era permitido ter acesso a algum tipo de saber, era o das mulheres religiosas que, dado o seu isolamento do mundo exterior, em geral geravam e consumiam elas mesmas esse saber.

Uma das formas básicas para se ter acesso ao saber intelectual seria o domínio da linguagem escrita, o que, naquela época, significava ler, além da língua materna, pelo menos o latim. Ou seja, era necessária a escolarização, o domínio da palavra escrita.

Com relação à exclusão do acesso ao saber às mulheres, Isabel de Villena, em seu livro, divergirá totalmente de outros autores de seu tempo, exemplificando que Maria, depois da morte de Jesus, passará a ensinar teologia aos apóstolos em substituição ao filho. Villena com isso discorda também de Santo Tomás de Aquino, que em sua *Summa Theologica* dirá que Maria teria

recebido o dom da sabedoria não para usá-lo nem para ensiná-lo e sim para a contemplação⁴ (Aquino, 1757:170-1).

Villena acrescentará um ponto importante ao debate em torno à predisposição, inerente ao sexo feminino, ao trabalho físico/doméstico em detrimento do intelectual. Ela explica – através do sermão de Jesus a Marta – que essa divisão não ocorre necessariamente entre homens e mulheres e sim entre seres humanos mais predispostos aos trabalhos físicos e outros mais aos intelectuais.

Jesus explica a Marta a razão de ser Madalena aquela que sempre estaria ao seu lado em suas meditações e reflexões, esclarecendo a função diferenciada que ambas desempenhavam no mundo; segundo ele, a Marta caberiam os trabalhos domésticos, físicos, os quais, explica, eram de extrema importância. A Madalena caberiam os de meditação e de reflexão. Jesus consola Marta – por não poder usufruir tanto de sua presença como Madalena – justificando que ela deveria sentir-se feliz por seguir sua natureza, que seria mais “desejosa e ansiosa das coisas ativas” (Villena, 1987:67). Valorizará, no entanto, esses papéis ao dizer que Madalena teria escolhido o melhor e que ele lhe havia concedido o direito ao desempenho dessa forma de vida. Finalizará, contudo, esclarecendo que ambas seriam “doutoras e exemplares duquesas e guias do povo cristão”, cada uma desempenhando sua função.

Villena unirá também dois pontos quase sempre excludentes na cultura cristã: para ela, beleza e sabedoria não caminham por vias opostas. Em várias passagens de seu livro constatamos a valorização do belo enquanto estética física. Com relação à vinculação direta do belo com o saber, destacamos a definição que Jesus teria feito de Judite. Ao encontrar-se com ela no plano celestial, afirmará que em seu tempo não havia mulher

⁴ *“Sapientiae enim usum habuit in contemplando... non autem habuit usum sapientiae quantum ad docendum, quia hoc non conveniebat sexui muliebri”* (Summa Theologica - Tertia pars, q. XXVII, art. 5).

na terra que a superasse tanto em beleza como em sapiência (Villena, 1987:125).

Como já dissemos, o autor que Villena teria pretendido rebater diretamente com sua obra foi Jaume Roig, o que se evidencia nas razões pelas quais Jesus teria aparecido primeiro às mulheres para comunicar sua ressurreição.

Segundo Villena, essa escolha deveu-se à preferência que Jesus demonstrou ter pelas mulheres e pela confiança nelas depositada, que, nas palavras dele, seriam as merecedoras de tal privilégio. Ele assim justificará sua escolha: "... e que saiba todo o mundo que quem é mais fervoroso no amor, merece ser também nas alegrias, consolações e favores, como pode ser visto em vós por experiência" (Villena, 1987:153).

Para Jaume Roig, no entanto, as razões de as mulheres serem escolhidas para a primeira aparição e para a divulgação da notícia da ressurreição de Jesus teriam sido outras. Através do personagem Salomão – o conselheiro que alertava ao protagonista sobre as desgraças que as mulheres representavam para os homens – Roig justifica a escolha de Jesus, na característica, segundo ele, típica das mulheres de serem faladeiras. Para ele, Jesus somente as teria escolhido por desejar que a notícia fosse mais rapidamente divulgada entre seus fiéis.

Acreditamos que a escolarização feminina era observada como um refinamento que fugiria àquilo que seria de utilidade para as mulheres. Jaume Roig deixará isso claro ao relatar as desventuras de seu personagem ao casar-se com uma mulher letrada. O personagem de Roig enfrentar-se-á com uma esposa que não cumpre o papel que se espera dela; ele a acusará de ser preguiçosa, de não cuidar da casa, de não saber cozinhar e de não querer abster-se de relações sexuais durante o período de quaresma (Roig, 1980:59-60). Porém, segundo ele, a mulher teria sempre ao alcance das mãos "pluma e tinteiro", com os quais escrevia às escondidas e, ao ser questionada, negava que o fizesse (Roig, 1980:57). Criticará sua esposa – segundo ele, ela não lhe revelara seus "maus costumes" antes do casamento –, dizendo

que ela havia sido criada com muita liberdade, fazendo o que desejava, tendo sido educada sem castigos físicos (Roig, 1980:52).

Os supostos defeitos típicos femininos

No âmbito da literatura medieval misógina, um dos assuntos frequentes é a descrição de determinadas características femininas como representantes do sexo como um todo, com conteúdo negativo.

A fraqueza feminina foi, nesse quadro de imperfeições, um dos pontos de crítica mais remarcados e que preconiza o Pecado Original. Isabel de Villena buscará demonstrar, no entanto, que a fraqueza não tem necessariamente que ser considerada uma característica tipicamente feminina.

A autora não admite essa suposta característica e demonstrá-lo-á por meio de um episódio de sua obra que teria Maria e José como protagonistas. No capítulo XLXXXV do livro de Villena – que trata da fuga para o Egito –, Maria e José teriam se deparado com um bando de ladrões que os teriam acochado. Villena assim descreverá a reação do esposo de Maria: “Vendo-os, José ficou, então, alterado pelo extremo medo que não pôde mover-se e perdeu por completo a fala”; e seguirá com a resposta de Maria: “Não temas a fúria desses ladrões que são inimigos dos caminhantes” (Villena, 1987:37), e dirigindo-se aos ladrões, ela pedirá misericórdia, conseguindo, assim, salvá-los.

Villena tampouco descreverá Maria empregando, como era costume, somente adjetivos de bondade, santidade etc.; a Maria de Villena seria também sinônimo de fortaleza, além de ser aquela que aterrorizaria os demônios (Villena, 1987:15).

A autora ressaltará ainda a coragem de Maria Madalena por permanecer ao lado de Jesus em todos os momentos. Até mesmo quando os próprios apóstolos teriam abandonado o sepulcro de Jesus, ela permanecera ali sem demonstrar medo. O Jesus de Villena argumentará – no intuito de justificar sua predileção por Maria Madalena – que ela nunca o renegaria, como o faria o seu amado Pedro:

Os meus discípulos me desampararão e fugirão pelo grande terror e confusão da minha morte; Pedro, o tão amado, negará ser meu discípulo. E vós, fortíssima Madalena, sem nenhum temor, publicamente chorareis por mim, seguindo-me na minha dolorosa morte e paixão (Villena, 1987:103).

A luxúria

No discurso masculino medieval (Archer:2001), a noção de luxúria vincula-se, sobretudo, à figura feminina. Os pressupostos bíblicos do Pecado Original servem como base de sustentação dessa noção. Falar de Pecado Original é falar também de luxúria, ou seja, prazeres físicos, sexuais. Explica-se então a fraqueza de Eva, perante as tentações carnis, através das supostas predisposições naturais dos seres femininos à luxúria. Explica-se também que a dor e a imperfeição no plano terrestre advêm desse primeiro erro cometido. Da constatação de uma culpabilidade se estrutura a construção de gênero feminino. E na noção de gênero feminino no período que tratamos, a luxúria é o substantivo que o define como nenhum outro.

Isabel de Villena pensa de forma diferente, como se vê no trecho a seguir: “... já que a vossa presença impressionou tanto a nossa alma, creio que melhor fará em vós, que sois mulher e por natureza inclinada a toda virtude” (Villena, 1987:40).

É também diferenciada a maneira de Villena abordar o tema da sexualidade. Ela aceitará, por exemplo, o fato de Madalena, anteriormente ao encontro com Jesus, seguir os “impulsos carnis” – e importar-se apenas com prazeres e desejos pessoais – (Villena, 1987:44), explicando que essa inclinação seria, na realidade, reflexo de sua plena autonomia com relação à vida.⁵ A autora fará ainda um ataque àqueles que costumam “julgar e condenar as pessoas que se preocupam mais em satisfazer a vontade desordenada do que em conservar a fama” (Villena, 1987:45), definindo como “mal faladores” os que se “deliciam” em

⁵ Villena ressalta o fato de Madalena passar a ser a cabeça de família e herdeira de grande fortuna, após a morte dos pais, com um irmão e uma irmã mais jovens.

difamar as “grandes mulheres”. Dirá que os que assim agem são em geral pessoas que sentem prazer na difamação sem fundamento.

Apesar de Villena falar de “apetites sensuais” como algo a ser controlado, ela não atribui essa característica às mulheres em especial. Parece-nos evidente que ela percebe que a mulher será em muitos casos vítima tanto de violências como de calúnias no que diz respeito a sua suposta propensão ao pecado da luxúria. Villena, através das palavras de Jesus, falará de uma “inclinação humana e sensual” que pode afetar qualquer ser humano.

No simbólico episódio do apedrejamento de Madalena, as palavras do Jesus de Villena são mais severas com os agressores:

Oh, vós, que sois tão terrenais pela grande inveja que vos governa, que não vos deixa pensar nem entender a não ser sobre a terra ou sobre as coisas relacionadas a ela! Como podem acusar esta mulher, que, seguindo a inclinação terrena e sensual, cometeu pecado, como se vós não tivésseis incorrido em piores já que são impregnados em vossas almas sem que os conheçais (Villena, 1987:88).

A disseminação do medo

Frequentemente a Igreja recorreu ao medo para inculcar seus padrões morais. No que se refere mais especificamente às mulheres, isso se viu agravado pelo maior leque de restrições impostas em função de seu sexo.

A estratégia do medo ia além do estabelecimento dos castigos individualizados como forma de purgar as faltas pessoais. Ela se efetivava também de modo coletivo, fazendo, por exemplo, com que cada fiel fosse responsável pelo cumprimento das prescrições da moral cristã. Em outras palavras, os cristãos são responsáveis coletivamente pelos pecados e pelas virtudes. Cada fiel seria obrigado a converter-se em guardião de toda a comunidade, vigiando-a e controlando-a, sob pena de vê-la submetida a alguma desgraça.

Villena, assim como outros autores do seu tempo, faz referência a esse tema. Contudo, ela o abordará sob uma perspectiva totalmente distinta da maioria dos seus contemporâneos. Com relação à imposição do medo como forma de evitar os pecados contra a fé cristã, Villena se mostrará totalmente em desacordo, afirmando que o desejo de Jesus é ser amado e não temido (Villena, 1987:90). Ao referir-se ao adultério feminino, por exemplo, Villena não sugere nenhum castigo físico como punição. Com base no conhecido episódio do encontro entre Madalena e Jesus, quando essa era lapidada, Villena sugere para a mulher pecadora a conversão e a remissão dos pecados. Para a autora, Jesus teria perdoado Maria Madalena – e, dessa forma, feito com que ela se convertesse e o amasse – por não desejar a morte para os pecadores e sim a conversão deles (Villena, 1987:90).

A relação mãe e filha

Com relação à existência de uma cumplicidade feminina – sugerindo uma espécie de proteção entre as mulheres, que facilitaria o encobrimento de supostas transgressões praticadas – encontramos várias alusões que confirmam essa percepção, principalmente na relação mãe-filha. Para muitos, essa relação poderia representar, por razões variadas, uma ameaça aos demais membros da família. A preocupação é visível, uma vez que se imagina que a mãe, em muitos casos, protegeria a filha em detrimento do filho varão.

Na crítica que Jaume Roig faz às mães, não deixará de protestar contra o fato de elas não hesitarem em prejudicar seus filhos deserdando-os, por exemplo, para favorecerem as filhas, e afirma:

Se não podem trapacear outros, enlameiam e deserdam seus filhos, os bens dos filhos tiram para aumentar o dote das filhas; joias, hostiários, aposentos, enxoval os fazemos pagar, ficando com a melhor parte dos melhores bens (Roig, 1980:112).

O autor acusa a existência de uma cumplicidade entre mãe e filha também no que se refere às transgressões de caráter extremamente perverso. Percebemos isso no relato de crimes cometidos por uma padeira parisiense, auxiliada – frisarà o autor – por suas duas filhas mais velhas. O hediondo crime cometido pelas três nada mais seria que o assassinato de seus clientes para posterior utilização da carne na confecção de seus quitutes (Roig, 1980:44).

Já para Isabel de Villena, essa cumplicidade ocorre de uma maneira completamente diversa. A referência que encontramos em sua obra diz respeito à relação existente entre duas personagens – mãe e filha – bastante conhecidas: Ana e Maria. Um dos episódios mais dolorosamente descritos na obra de Villena será a separação entre elas quando da fuga de Maria para o Egito. Para Villena, essa separação será, principalmente para a mãe, praticamente insuportável; Ana, assim, queixa-se:

Oh, minha filha! Jamais em minha vida senti tanta dor!
Contigo quero estar e jamais te deixarei, já que prefiro
morrer em tua companhia do que viver sem ti (Villena,
1987:32).

Ana também sofre por não poder corresponder-se com sua filha:

Oh, minha filha! Se eu soubesse que irias para um lugar
onde serias bem acolhida e que eu pudesse receber
constantemente tuas cartas, esse seria o melhor consolo
para as pessoas queridas que estão separadas (Villena,
1987:32).

Ana não se esquecerá da alimentação de sua filha durante a fuga para o Egito, e Villena dedicará grande parte do capítulo LXXXIII de sua obra à descrição de toda a provisão que aquela preparará para Maria e sua família (Villena, 1987:33-5).

Villena mais uma vez está se opondo à dura crítica de Roig às mulheres – no caso, mães e filhas – já que esse autor recorre

constantemente ao tema das mães perversas e até mesmo infanticidas.

As mães perversas descritas por Roig seriam aquelas capazes, por exemplo, de expulsarem seus filhos de casa, após a morte do marido, deserdando-os e abandonando-os em absoluta miséria – em sua opinião, as mães exerciam sua perversão principalmente contra os filhos varões (Roig, 1980:112). Outro exemplo seria o das mulheres que deixam seus filhos aos cuidados de amas de leite por questões puramente estéticas. Sobre elas, ele dirá:

...mães traidoras, deliberadamente dissipadoras, tanto conscientemente quanto loucamente: os próprios filhos aleijam, seus olhos arrancam (Roig, 1980:141).

Por último, encontramos casos de mães infanticidas (Roig, 1980:81), como, por exemplo, as Amazonas, que matariam os filhos do sexo masculino (Roig, 1980:142-3).

Os três modelos femininos – Maria, Eva, Madalena

É possível observar no discurso medieval a forte presença de modelos femininos representados por três figuras bíblicas: Maria, Eva e Madalena. Esses modelos trazem consigo uma gama variada de estereótipos que alimentam a construção do gênero feminino.

Maria, cujo culto expandia-se na baixa Idade Média, é apresentada como símbolo de perfeição e como modelo de um feminino utópico, inexistente fora dos limites dessa representação. O fato de ser Maria mãe e ao mesmo tempo virgem, ou seja, a mulher que concebe sem o intercurso carnal, faz dela uma exceção, sendo essa a glória da Virgem Maria (Ferrante, 1985:20). Acreditamos que essa imagem de mulher traça como nenhuma outra os limites intransponíveis do ideal feminino.

Eva é a imagem que mais se aproxima do modelo feminino terreno apresentado pelo discurso medieval; sendo sinônimo do

pecado pela fraqueza, será apresentada como a precursora da negatividade inerente ao sexo feminino.

Quanto a Maria Madalena, é curioso observar como Isabel de Villena dará, em sua obra, protagonismo a essa personagem. Pode-se dizer que essa abordagem é bastante original. Enquanto a maioria dos autores medievais parece encontrar apenas em Maria um modelo feminino realmente positivo, a autora valenciana vai além, transformando Madalena em um modelo mais acessível às mulheres (Villena, 1987:159).

Para Jaume Roig, por exemplo, Maria seria a única mulher sem vícios "... pura, plena, perfeita, limpa sem mácula, bela, verdadeira ou sem emenda, mãe e amiga do criador" (Roig, 1980:161). As definições de Jaume Roig sobre a Virgem Maria após sua narrativa anterior excessivamente misógina, produz no leitor um certo estranhamento. Mas, em seguida, é possível constatar justamente a obviedade dessa mudança: através do modelo de Maria apresentado, ele reforçará todas as suas críticas a um contingente que, em seu discurso, apesar de possuir um exemplo de perfeição a ser seguido, insistiria em perpetuar a imperfeição típica do seu sexo.

Dessa forma, a Maria de Roig, contrariando todos os outros exemplos femininos por ele descritos, abdica, por exemplo, da vontade de manter-se solteira para satisfazer o desejo dos "santos rabinos" (Roig, 1980:164); casa-se, sem pretensões econômicas, com um homem muito mais velho (Roig, 1980:164); mesmo casando-se, não peca, na medida em que permanece virgem; é a verdadeira mãe, já que foi engravidada secretamente e sem "cansaço" (Roig, 1980:164).

Dada a temática da obra de Isabel de Villena, é de se esperar o protagonismo da figura de Maria. Villena dedica um espaço bastante representativo a ela em sua obra, oferecendo de especial em sua narrativa a originalidade de algumas de suas abordagens. A Maria de Villena, além de símbolo de virgindade e pureza, será também exemplo de fortaleza, comparada com uma "batalha muito bem guarnecida e ordenada de valentes

cavaleiros”⁶ (Villena, 1987:15). Parece-nos marcante o interesse de Villena na utilização do modelo de Maria como forma de contrapor o modelo de Eva, muito utilizado na literatura misógina desse período; para ela, Maria teria recuperado a honra das mulheres, perdida com Eva. Ela dirá:

...exaltou-as e dignificou-as tanto que somente pelo vosso [Jesus] amor a elas, estas serão amadas por todo o mundo, que muito maior honra ser-vos-á feita que aos homens (Villena, 1987:16).

Villena não apresenta Maria como um modelo inatingível, distanciado de forma absoluta – como querem a maioria dos autores de sua época – do modelo real de mulher que ela, apenas pelo seu sexo, representa. No texto, percebemos Maria como real representante feminina que demonstra a possibilidade e a necessidade de ser respeitada também enquanto mulher, obrigando, assim, a que suas “filhas”, a priori, também o sejam. Nas palavras de Jesus:

... já que devem pensar que a minha mãe é mulher que reconheceu a todas as suas filhas grande coroa, e isso é uma salvaguarda tão forte que ninguém pode desconsiderar sem que eu muito me ofenda (Villena, 1987:123).

Com relação à segunda personagem, Eva, um século antes de Isabel de Villena, Francesc Eiximenis (1981), outro autor catalão baixo-medieval, assim sintetizou no início de seu livro:

pelo pecado por ela cometido, Deus teria sentenciado todas as mulheres que a sucederiam a passarem por muitos sofrimentos; Eva teria sido privada da graça divina e da justiça original e ferida em *natura*, ou seja, perdido grande parte da sensatez que possuía; perderia também o "senhorio real" sobre as criaturas e seria colocada sob "especial jugo e regimento" do marido; pariria seus filhos, a

⁶ “*batalla ben guarnida e molt ordenada de valents cavallers*”.

partir de então, com muita dor; passaria sua vida com muito suor, trabalho e misérias até a morte; teria a carga dolorosa de ter transmitido suas desgraças principalmente às mulheres que, por esta razão, teriam muito mais sofrimentos que os homens (Eiximenis, vol I, 1981:16).

Eiximenis argumenta que o castigo dado a Adão – e consequentemente aos homens – por ter pecado, juntamente com Eva, teria sido a obrigação de suportar a mulher em suas paixões e misérias (Eiximenis, vol I, 1981:19). Para o autor, o fato de Eva ter colhido o fruto proibido significaria um ato de soberba típico do orgulho de “fêmea” que, na expectativa de igualar-se a Deus, ouvira a voz da tentação (Eiximenis, vol I, 1981:19). Como castigo, Deus, para humilhá-la, teria feito com que a mulher fosse subjugada ao marido e que se tornasse visivelmente mais fraca que esse (Eiximenis, vol I, 1981:19). Eiximenis acrescenta ainda que esse ato de rebeldia de Eva – que sem medo, teria apanhado o fruto proibido – trouxe como consequência a pena imposta a todas as mulheres de serem medrosas, de não lutarem nem defenderem a terra e de não terem força física (Eiximenis, vol I, 1981:21). Segue seu discurso sobre Eva, afirmando que ela é a própria representação da mãe, mas da mãe que transmite aos filhos – e principalmente às filhas – os seus pecados (Eiximenis, vol I, 1981:23), e completa:

Como não confessou o seu erro, ao contrário o desculpou com a serpente, eternamente foi condenada à morte, penalizada, e amaldiçoada por toda a vida a ser subjugada e expulsa do paraíso, a parir sempre com tristeza e grande dor (Eiximenis, vol I, 1981:24).

Antes de concluir, no entanto, ele dirá que Eva, como mãe de todos, deve ser adorada principalmente pelos sofrimentos pelos quais teve de passar para redimir-se de seus pecados (Eiximenis, vol. I, 1981:26).

As referências a Eva na obra de Jaume Roig se resumem fundamentalmente aos seus comentários com relação aos

sofrimentos femininos com o parto, segundo ele, esses sofrimentos advinham do pecado cometido por Eva. Mas o médico Roig vai além: dirá que as manifestações de sofrimento feminino com o parto são simulações para despertar piedade (Roig, vol I, 1981:137).

Isabel de Villena não deixará tampouco de responsabilizar Eva por ter corrompido a natureza humana ao introduzir o pecado entre os homens (Villena, 1987:42, 122, 131). No entanto, para ela, o erro cometido por Eva adveio muito mais da ignorância e ingenuidade – as quais a deixaram vulnerável à tentação – do que uma inclinação natural feminina ao pecado.

Villena aponta também uma importante aproximação entre Eva e Maria, na qual a segunda, em um gesto de afinidade, reconhecerá os méritos da primeira e, proclamando o perdão a ela já concedido, converter-se-á, para Villena, no novo protótipo feminino.

Maria e Eva, dois modelos tradicionalmente antitéticos, se aproximam na obra dessa autora, reduzindo assim o predominante maniqueísmo das análises medievais sobre ambas as personagens.

Villena introduz Madalena em seu livro tentando encontrar justificativas para explicar a opção de vida dessa personagem antes de sua aproximação com Jesus; a extrema liberdade gozada por Madalena – ao ser primogênita de uma família possuidora de grandes riquezas, cujos pais, já mortos, lhe deixaram o controle familiar – é vista por Villena como razão suficiente para justificar o fato de Madalena deixar-se levar pelos “deleites e prazeres pessoais” (Villena, 1987:44), sem se preocupar em controlar os “apetites sensuais” (Villena, 1987:44). Villena insinua também que o fato de Madalena não somente ser mulher, mas rica e bonita, despertaria nas pessoas à sua volta inveja suficiente para difamá-la, tornando-a conhecida como “a mulher pecadora” (Villena, 1987:45).

Observamos ainda na obra de Isabel de Villena uma aproximação bastante forte entre Maria e Madalena. A dimensão do personagem de Madalena nessa obra é tão grande que chega até mesmo a dividir com Maria o protagonismo feminino. Villena

vai buscar, por exemplo, em Salomão referências positivas à personagem – certamente uma resposta direta a Jaume Roig, que faz uso desse personagem para criticar as mulheres. O rei dos hebreus teria, em espírito, falado a Madalena, exaltando-a como exemplo de devoção, amor e caridade dedicados a Jesus, além de defini-la como possuidora de uma beleza capaz de deixar admirados tanto o sol quanto a lua (Villena, 1987:49).

Apesar de constatarmos entre Maria e Madalena uma grande proximidade, essa se estabelece, no entanto, somente na medida em que existe no centro, como ponto de referência, a figura de Jesus. Os atributos que a Maria de Villena utiliza para definir Madalena e a admiração que tem por ela estão quase sempre relacionados à dedicação que a mesma manifesta com seu filho, reverenciando, dessa forma, o grande amor que ela lhe dedica. O amor que uniu Jesus a Madalena seria, para Maria, razão suficiente para admirar, como diz Villena, “a amada” de seu filho (Villena, 1987:150).

O amor surgido entre Jesus e Madalena seria a razão fundamental da conversão imediata da última, que, em seu primeiro contato com Jesus, sente-se em profundo júbilo. Por sua vez, Jesus corresponderá na mesma intensidade a esse amor, manifestando-o desde seu primeiro contato com Madalena.

Pensamos nas razões pelas quais Villena decide centrar de forma tão marcante tanto o personagem de Madalena, quanto a sua relação com Jesus. É impossível não perceber também a erotização da narrativa de Villena, quando se trata de descrever os encontros de ambos, deixando claro ao leitor a intensidade do sentimento que os ligaria. Pensamos que, na vontade de Villena de escrever um livro que falasse das personagens femininas da *Vita Christi*, estaria também a vontade de manifestar-se contra uma corrente literária que pretendia apresentar a mulher como um ser repleto de características negativas. Nesse caso, ela parece sublinhar a contradição que o amor de Jesus por uma mulher como Madalena representaria para essa corrente misógina. Acreditamos que Villena teria tido a opção de escolher, como protagonista única tanto de sua obra como do amor de Jesus,

Maria, sua mãe, já que essa seria, também para o Jesus de Villena, a própria representação da perfeição. No entanto, ela decide dividir esse protagonismo entre as duas personagens. Talvez a autora tenha desejado para sua obra uma protagonista que estivesse mais próxima do protótipo feminino – tanto mais divulgado quanto atacado – da mulher que peca. Mas que mesmo assim pudesse ser – depois do reconhecimento de sua culpa e de seu arrependimento – amada e venerada, também, enquanto mulher. Pensamos que nessa opção de Villena está implícita a necessidade de se evitar a perpetuação do uso da figura de Maria, mais uma vez, como uma eterna exceção.

No contexto de uma literatura que insiste no menosprezo ao sexo feminino, tendo como base tanto o discurso teológico quanto os incipientes saberes científicos, é importante perceber que algumas mulheres levantaram suas vozes, também através da literatura, com o objetivo oposto. É importante, por exemplo, para a construção de uma genealogia de mulheres e para que seja possível constatar a maneira ativa como algumas se posicionaram frente às adversidades de seu tempo, mesmo em períodos históricos considerados superficialmente como de obscurantismo, de retrocesso, de opressão e inércia feminina. É importante saber que, contra as vozes que chegavam a considerar que os sofrimentos físicos derivados do parto seriam meras fantasias, ou seja, ardis femininos, levantaram-se com toda coragem e firmeza mulheres como Isabel de Villena. Uma de suas frases revela muito bem a luta travada no contexto da *Querelle des Femmes*, já que evidencia o enfrentamento entre homens e mulheres. Villena, na voz de Jesus, ameaçou os homens com a ira divina da mesma forma que os seus coetâneos ameaçavam as mulheres:

... e os que falam mal das mulheres sofrerão a minha ira.
(Villena, 1987:123)

Referências bibliográficas

ALLEN, Prudence. *The Concept of Woman. The Aristotelian Revolution (750 BC-Ad 1250)*. Montreal- Londres, Eden Press, 1985.

- AQUINO, Tomás de. *Summa Theologica*. Veneza, B. de Rubeis, 1757.
- ARCHER, Robert. *Misoginia y defensa de las mujeres. Antología de textos medievales*. Col. Feminismos. Madrid, Ed. Catedra, 2001.
- BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995.
- BOSH FIOL, Esperanza; FERRER PEREZ, Victoria A.; GILI PLANAS, Margarita. *Historia de la misoginia*. Barcelona, Anthropos Ed., 1999.
- CIRLOT, Victoria. *Vida y visions de Hildegard von Bingen*. Madrid, Siruela, 2009.
- DINSHAW, Carolyn, WALLACE, David. *The Cambridge Companion to Medieval Women's Writing*. Cambridge, Cambridge University Press, 2009.
- DRONKE, Peter. *Women Writers of the Middle Ages. A Critical Study of Texts from Perpetua (m. 203) to Marguerite Porete (m. 1310)*. Cambridge, Cambridge University Press, 1984.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle (eds.) *Historia das Mulheres no Ocidente*. vol. 2, A Idade Média, Christiane Klapisch (org.). Porto, Afrontamento, 1993.
- DUBY, Georges. *Las damas del siglo XII. Eloísa, Leonor, Iseo y algunas otras*. Madrid, Alianza, 1995.
- EIXIMENIS, Francesc. *Lo Libre de les Donas*. Barcelona, Curial, 1981.
- FERRANTE, Joan M. *Woman as Image in Medieval Literature. From the twelfth century to Dante*. Duham, Labyrinth, 1985.
- JORNET I BENITO, Núria. La relación con los recuerdos: la autoridad y el poder de la memoria. In: RIVERA GARETAS, María-Milagros (coord.) *Las relaciones en la Historia de la Europa Medieval*. Valencia, Tirant lo Blanch, 2006, pp.17-57.
- KELLY, Joan. Did women have a Renaissance? In: BRIDENTHAL, Renata; KOONZ, Claudia (eds.) *Becoming visible: Women in European History*. Boston, Houghton Mifflin Co., 1977, p.175-201.
- MUZZARELLI, Maria Giuseppina. *Un'italiana alla corte de Francia. Christine de Pizan, intellettuale e donna*. Bologna, il Molino, 2007.

- RIVERA GARETAS, María-Milagros. *Textos y Espacios de Mujeres. Europa, Siglo IV-XV. La política sexual*. In: RIVERA GARETAS, María-Milagros (coord.). *Las relaciones en la Historia de la Europa Medieval*. Valencia, Tirant lo Blanch, 2006, pp.139-204.
- PIZAN, Christine de. *A Cidade das Mulheres*. Tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. João Pessoa, Ed. Universitária - UFPB, 2012.
- VILLENA, Isabel de. Protagonistes Femenines a la “Vita Christi”. In: CANTAVELLA, Rosanna; PARRA, Lluisa (ed.). *Protagonistes Femenines a la “Vita Christi”*. Barcelona, La Sal, 1987.
- ROIG. *Llibre de les dones, o spill*. In: Francesc Almela i Vives (ed.). *Llibre de les dones, o spill*. Barcelona, Barcino, 1980.